

— Podre — disse o senhor Gopez.

O senhor Malik, com um copo suado de cerveja Tusker gelada na mão, sentou-se na cadeira vazia ao lado dele e pegou a tigela de pipocas apimentadas.

— Tremendo disparate.

Ele viu o senhor Gopez lendo o *Evening News*.

— Palavras fortes, A.B., palavras fortes — murmurou o senhor Patel do outro lado da mesa.

— Não mesmo — disse enfático o senhor Gopez, batendo com o jornal na mesa e apanhando o copo. — Sabe de onde eles tiram essas coisas?

O senhor Patel sorriu. Teve a deliciosa sensação de que uma discussão estava para acontecer. Seria sobre algo que o presidente dissera (sempre disparates), algo que o redator-chefe teria escrito (quase sempre disparates) ou alguma matéria do noticiário internacional (geralmente algo ligado à família real britânica e geralmente disparates)? Ou, como era quarta-feira, seria algo que aquele cara teria escrito na coluna “Pássaros do mesmo ninho” (ocasionalmente disparates, mas isso era raro)? Ele apanhou o jornal largado pelo outro e seus olhos se fixaram numa pequena matéria no rodapé. Leu ali que cientistas dinamarqueses pesquisando o sistema digestório descobrem que o ser humano libera gases 123 vezes por dia.

— Entende o que quero dizer? — indagou o senhor Gopez. — Disparate. Totalmente absurdo. Ninguém peidaria tanto assim, nem mesmo depois de comer um *dahl* preparado pela minha sogra.

— Ah — disse o senhor Patel —, não sei, não.

Ao longo dos muitos anos de convívio com o senhor A.B. Gopez, o senhor Patel descobrira que essas três simples palavrinhas eram um método certo para iniciar uma discussão. Sentindo algo próximo do que deve sentir um pedaço de queijo numa ratoeira ao ouvir o ruído distante do roedor, ele esperou pelas duas palavras seguintes do amigo.

— Não sabe? — disse, arqueando as sobrancelhas grossas. — Não sabe? Isso não faz nenhum sentido. Mais de cem peidos, isso equivale a mais do que o volume inteiro do corpo humano. No final do dia, você se pareceria com um pastel, uma samosa chupada. Não acha, Malik? É preciso observar que o senhor Malik estava agora no seu segundo copo de Tusker e isso o deixava mais propenso à ousadia. O que ele deveria ter dito era “Humm”. No entanto, o que ele disse foi “Humm?”.

— O que quer dizer com “humm?”?

— Quero dizer que pode não ser exatamente assim, A.B. Um peido, no meu entendimento, é produzido, e não simplesmente armazenado.

— Exatamente! — disse o senhor Patel. — É aí que eu queria chegar. E quem pode dizer qual é o tamanho deste peido dinamarquês, hein? Estamos falando de um pequeno e delicado pum escandinavo ou de um provocado por uma torta de framboesa inteira?

— Estamos falando de peidos dinamarqueses padrão, e mais de cem desses por dia, e eu digo que isso é um disparate. Total absurdo. Este era o momento pelo qual o senhor Patel estivera esperando.

— E eu digo que não é.

O senhor Gopez apoiou o copo na mesa. Fez uma pausa depois de lançar um olhar de cumplicidade para o senhor Malik, sugerindo que o amigo

deles era no mínimo um tolo, ou, no pior dos casos, um idiota. Tentaria agora uma abordagem conciliatória.

— Pense um pouco, Patel, velho amigo. Use a cabeça. Um dia, 24 horas. Sendo 123 peidos, isso dá mais do que cinco peidos por hora, mais de um a cada 12 minutos. Impossível. É como eu disse, simplesmente uma questão de bom senso.

— Para ser exato, um a cada 11 minutos e 49 segundos, A.B. Mas não acho que o bom senso tenha muito a ver com isso, não concorda, Malik? Em casos como este, a abordagem lógica deve certamente dar lugar à abordagem empírica.

O senhor Malik não disse nada. Se ele se mantivesse calado, ainda haveria uma chance.

— Então, você vai contar seus peidos agora, é isso? — indagou Gopez, com a sobrancelha arqueada e o cenho franzido. — E aí, espera que eu acredite em você? Me diga, então, como vai contar seus peidos quando estiver dormindo?

— Ah — disse o senhor Patel, fazendo uma pausa. — Percebo aonde você quer chegar, A.B. É, você realmente tem razão — disse ele fazendo uma nova pausa, como se estivesse imerso em seus pensamentos. — Já sei — concluiu —, vamos perguntar ao Tiger.

“Ah, não”, pensou o senhor Malik, “o Tiger, não”.

“Tiger” Singh, campeão de bilhar do clube, campeão de sinuca, campeão de uíste, campeão de badminton por 11 anos seguidos, até quando seus joelhos agüentaram; era a autoridade em todos os assuntos ligados a esporte. E no Clube Asadi, isso também incluía todas as questões que envolviam apostas, tanto as oficiais quanto as não oficiais. Quando havia dinheiro envolvido na disputa se podia confiar em Tiger para calcular as probabilidades, administrar o dinheiro das apostas, e comprar cervejas de todos os tipos com os lucros obtidos pelas suas atividades, que sempre pareceram lucrativas. Fora do clube, ele se sustentava trabalhando como advogado. Chamado da mesa de bilhar onde estava para ouvir o caso, Tiger primeiro escutou, depois falou.

— Bem, cavalheiros, *amotus quaeramus seria ludo*, deixemos de brincadeiras e tratemos de coisas sérias, concordam? Duas questões de imediato vêm à mente. Em primeiro lugar, como os colegas dinamarqueses fizeram a pesquisa? Em segundo lugar, quanto se está apostando?

— Quanto à primeira pergunta — disse o senhor Gopez, empurrando o jornal na direção dele —, não faço a menor idéia. Veja você mesmo. Quanto à segunda — prosseguiu, tirando a carteira do bolso —, que tal dez mil?

“Isso está ficando ridículo”, pensou o senhor Malik.

O senhor Patel também tirou sua carteira do bolso.

— Dez mil, está fechado.

Tiger levantou as mãos.

— Opa, opa, opa, companheiros, podem ir parando. Guardem as carteiras. — Finalmente alguém estava fazendo algo sensato. — Antes mesmo de pensarmos em fazer as apostas precisamos decidir exatamente no que estamos apostando. Então, A.B., no que exatamente você quer apostar seus dez mil xelins?

— Deixe-me ver... Eu aposto que estes camaradas dinamarqueses estão falando com base nas... nas agitadas bundas deles. Nenhuma pessoa normal solta gases mais do que cem vezes por dia.

— E eu digo que soltam — retrucou o senhor Patel.

— Aí está, simples.

— Humm, não, veja bem, A.B., não é nada simples — disse Tiger. — Evidentemente, esta alegação, esta hipótese, precisa ser testada. Mas pondo de lado, por um instante, o problema de como contamos os já citados peidos, alguma espécie de medidor dinamarquês moderno de peidos ou o quê?, há o problema da definição. Qual a exata definição de peido? *Communi consilio*, como dizemos em direito. Temos que chegar a um acordo, não temos? — Sem esperar por uma resposta (por acaso mencionei que ele era advogado?), Tiger continuou: — E o que é ainda mais importante, como vamos conferir o resultado? Quem vai aceitar a palavra de quem no final das contas? Compreendem o que estou dizendo?

Três pares de sobrelhas se franziram, três lábios se apertaram.

— Se pelo menos tivéssemos algum tipo de opinião imparcial... — murmurou Tiger.

Três pares de olhos castanhos se transformaram num só olhar, ao se direcionar para o senhor Malik.

\* \* \*

Às oito da noite em ponto da quinta-feira seguinte, o senhor Malik entrou no bar cheio do Clube Asadi. Na mão esquerda, carregava uma maleta preta de couro. Os senhores Gopez, Patel e Singh, que estavam sentados juntos numa mesa perto do bar, ergueram os olhos quando ele entrou, mas não disseram nada. Ele se sentou na cadeira vazia ao lado dos outros senhores, abriu a maleta e tirou de dentro um simples caderno de anotações. Sem nenhum comentário, passou o caderno para Tiger.

— E então, Malik? — disse Tiger, colocando o caderno, fechado, na mesa diante dele. — Terminou a sua tarefa?

O senhor Malik fez que sim com a cabeça.

— E os resultados da sua pesquisa estão neste caderno?

— Estão.

— Você foi capaz de prosseguir satisfatoriamente com o procedimento, como estipulado no acordo aqui escrito e testemunhado na noite passada, para a verificação da aposta entre dois membros do Clube Asadi agora diante de nós?

— Fui capaz.

\* \* \*

Se o grande deus Ganesha em pessoa tivesse entrado no salão do Clube Asadi naquele momento — com seus quatro braços, cabeça de elefante, uma presa quebrada e corado de diamantes —, o senhor Malik não teria ficado mais surpreso. Mas ali estava, todo de branco e sorrindo, Harry Khan. Cabelo branco cheio, uma camisa quase tão ofuscante quanto seus dentes, calças brancas, paletó branco e (sim, o homem não tem timidez nenhuma) sandálias brancas abertas.

\* \* \*

— Vocês conhecem Rose Mbikwa? — continuou Harry. — Existe alguma coisa que ela não saiba sobre os nossos amigos de penas? Vocês sabiam que é possível observar duzentas espécies de pássaro só em Nairóbi? E, rapaz, como ela dança.

— Dança? — disse perplexo o senhor Malik. — Rose Mbikwa... com Harry Khan?

— É, dança. Rock-'n'-roll. Rapaz, aquela garota tem um suingue. Sabe aquela jukebox que tem no Hilton? Uma daquelas bem antigas e com músicas tão antigas quanto ela? Bill Haley, Little Richard, e até o próprio Big Bopper. Taí, talvez eu devesse convidá-la para este baile que vai ter aqui... como é que se chama mesmo, meu bem?

— Está falando do Baile do Clube de Caça, tio Harry?

— Esse mesmo. Sabem onde consigo duas entradas?

— Não consigo. — O senhor Malik não queria dizer aquilo. As palavras simplesmente escaparam. — Acabaram. Venderam tudo. E de todo modo você teria que ser sócio.

— Sócio do quê? — perguntou o senhor Patel.

— Do clube. Clube Karen. Foi o que ouvi falar.

— Que nada, meu velho — disse o senhor Patel. — Eu mesmo já fui a esse baile.

— Ah... Mas elas devem ser todas reservadas. Não devem, Tiger?

Embora Tiger não fizesse a menor idéia do que estava acontecendo, não pôde ignorar o olhar suplicante do amigo.

— É... sim... bom... é bem possível. Se é o que você diz, Malik, velho amigo.

— Ah, não se preocupe, tio. Sanjay vai dar as dele para você. Tenho certeza de que ele dá se eu pedir com jeitinho.

Parece que o irmão de Elvira, Sanjay, já comprara quatro entradas e o noivo dela prometera voltar de Dubai para levá-la ao baile, no fim de semana. Não se podia fazer mais nada.

— De qualquer forma — disse o senhor Malik —, você não pode convidar a senhora Mbikwa.

— Por que diabos não posso? — perguntou Harry.

— Não pode — respondeu o senhor Malik —, porque já escrevi para ela convidando-a.

Foi o senhor Patel quem fez a pergunta que simultaneamente brotou na cabeça de todas as pessoas que estavam na mesa.

— Você?

O senhor Malik assentiu.

Foi o senhor Gopez quem fez a pergunta seguinte.

— O que foi que ela respondeu?

— Ela... — O senhor Malik quase disse que ela não havia respondido.

Durante nove dias o convite a Rose fora um segredo seu, e durante nove dias uma pequena chama de esperança ardera em seu coração. Era difícil, mas era possível — possível, apenas — que ela aceitasse. Ele só tinha que receber as entradas e postar o convite. Mas agora que o segredo estava descoberto, a coisa toda se revelou para ele como aquilo que temera todo o tempo. Era uma piada, uma piada patética e sem esperanças. E ele, Malik, era uma piada ainda maior. Mas, apesar dos olhares nos rostos que estavam ali diante dele, aquela pequena chama ainda não se extinguiu completamente. Havia algo dentro

dele, algo no fundo do seu coração, que lhe garantia que o convite a Rose Mbikwa para que o acompanhasse ao Baile do Clube de Caça não era uma piada. Era uma oferta sincera, era uma cortesia feita com honestidade, e não importava o que qualquer outra pessoa pudesse pensar, Rose Mbikwa saberia disso.

— Ainda não coloquei no correio.

A um momento de silêncio seguiu-se um grito entusiasmado de Harry Khan.

— Ainda não colocou no correio? Que tipo de convite é esse?

— Eu ainda não... Ainda não pude fazer isso. Está tudo preparado, no entanto. E já encomendei as entradas.

— Deixa ver se eu entendi — disse Harry. — Você não tem as entradas, e não mandou o convite.

— É, mas...

— Poupe seus selos, Malik. Vou telefonar para ela agora.

Foi Tiger quem falou.

— Antes que qualquer telefonema seja dado ou qualquer carta seja postada, cavalheiros, um momento de reflexão pode ser apropriado.

— O que há para refletir? — indagou Harry. — No amor e na dança tudo é justo. Certo, amigos?

— Há alguma verdade no que o senhor diz, senhor Khan — disse Tiger.

— Mas Malik parece ter direito a reclamar prioridade nesta questão.

— Não vejo qual é o problema — disse o senhor Gopez. — Por que não podem os dois convidá-la?

— Porque, A.B., isso colocaria a dama numa situação muito embaraçosa. *A fronte praecipitium a tergo lupi*, à frente o precipício, às costas, os lobos, se entendem o que digo. Ela não pode aceitar os dois convites, mas pode ser desagradável ter que recusar um deles. Tive a honra de conhecer a dama em questão. Ela é sem dúvida uma mulher de rara virtude e distinção. O que torna ainda mais importante, estou certo de que os senhores concordam, que os sentimentos dela não sejam postos à prova numa escolha tão ingrata.

— Está dizendo que nenhum deles deve convidá-la?

— De jeito nenhum, A.B., de jeito nenhum. Um deve convidá-la, mas não os dois. Do modo como vejo as coisas, e estou certo de que nossos amigos concordarão comigo, é nosso dever como cavalheiros proteger um modelo de perfeição da feminilidade de um julgamento como este. E, ousou dizer ainda, que é nosso dever como membros do Clube Asadi.

— Está sugerindo exatamente o quê, Tiger?

— Estou sugerindo, A.B., que deve haver uma maneira justa de decidir quem deve ter a honra de fazer o convite.

— Maravilha. — Harry Khan estava sorrindo de orelha a orelha. — Então o que vai ser: pôquer, bilhar, queda de braço?

— Contar hadadas? — sugeriu Patel, sem conseguir conter uma risadinha.

Assim como dizem que um homem se afogando se agarra a um pedaço de palha, neste redemoinho de constrangimento e confusão o senhor Malik se agarrou a esta palavra.

— Isso, é isso — disse ele.

— Isso o quê? — perguntou o senhor Gopez.

— Pássaros.

— Pássaros? — indagou Tiger.

— Ah, compreendo — disse o senhor Gopez. — Um pouco de presságio, é o que você quer, algo divinatório? Espalhem as vísceras e vejamos o que elas dirão?

— Não, uma disputa, uma competição. Contar pássaros. Quem consegue identificar a maior quantidade de espécies de pássaros em... em uma semana, digamos.

\* \* \*